

A relação entre o texto ficcional e a arte de ler na formação do leitor literário: o exemplo de *As Crônicas de Nárnia*

**The relationship between fictional text and the art of reading in the formation of the literary reader:
the example of *The Chronicles of Narnia***

Ana Carolina Alves de Lima Oliveira

Andrea Martins Lameirão Mateus

UFNT

Resumo: Discutiremos aqui o texto ficcional associado à arte de ler, considerando a interpretação do texto de C.S. Lewis em *As Crônicas de Nárnia* e sua relevância para a formação de leitores. Este estudo parte de duas vertentes de pesquisa: Na primeira parte do artigo apresentamos uma concepção abrangente de ficção, levando em consideração a importância da leitura no cotidiano. Ao longo do texto, surgem conceitos sobre a ficção, traçando-se uma linha teórica entre a formação do leitor e a arte de ler. Sabe-se que o gosto pela leitura dos jovens pode ser incentivado por obras ficcionais e, por esse motivo, buscou-se analisar a ligação entre os textos de ficção e os novos questionamentos para a disseminação da leitura. Já na segunda etapa, a pesquisa tem como foco a obra de C. S. Lewis, suas particularidades literárias que justificam a utilização de sua obra na formação de leitores. Para fundamentar o estudo utilizamos referências Ferreiro e Palacio (1987), Mcgrath (2013), Todorov (1975), entre outros.

Palavras-chave: Ficcional; Leitura; Texto literário; Fantástico

Abstract: We will discuss the fictional text associated with the art of reading, considering the interpretation of C.S. Lewis in *The Chronicles of Narnia* and its relevance for the formation of readers. This study is based on two lines of research: In the first part of the article, we present a comprehensive conception of fiction, considering the importance of reading in everyday life. Throughout the text, concepts about fiction emerge, tracing a theoretical line between the formation of the reader and the art of reading. Young people's taste for reading can be encouraged by fictional works that analyze the connection between fictional texts and new questions for reading. In the second stage, the research focuses on the work of C. S. Lewis, his literary particularities that justify the use of his work in the formation of readers. To base the study we used references from Ferreiro and Palacio (1987), Mcgrath (2013), and Todorov (1975), among others.

Keywords: Fictional; Reading; Literary text; Fantasy

Recebido em 25 de julho de 2023

Aprovado em 30 de dezembro de 2023.

Introdução

O artigo tem por tema a relação entre o texto ficcional e a arte de ler na formação do leitor literário. Um fator relevante para essa interação é o desenvolvimento da curiosidade dos leitores e da sua imaginação, o crescimento e prática da sensibilidade estética, o alcance aos saberes distintos a respeito da cultura de povos e locais incomuns, seja do mundo ficcional ou real. A leitura literária oportuniza o sujeito com conhecimentos que o delineiam como leitor, e que o constituem em sua formação e em sua interação social. Roger Chartier complementa, ao dizer que “localizar a diferença social nas práticas mais do que nas diferenças estatísticas, são muitas das vias possíveis para quem quer entender como historiador, essa ‘produção silenciosa’ que é a atividade leitora” (CHARTIER, 1999, 27).

O presente estudo, que tem como foco a relação entre a ficção e o ato de ler, vem apresentar de modo claro e objetivo a relevância da leitura de textos ficcionais para a formação de leitores, considerando a obra *As Crônicas de Nárnia* de C. S. Lewis como parâmetro para essa análise. A obra em questão é uma das grandes fundadoras do gênero “literatura fantástica” de língua inglesa (*fantasy genre*) que é, em parte, muito difundida como um gênero voltado para o público infanto-juvenil. Definir o fantástico foge do escopo deste trabalho, mas procuramos demonstrar o quanto esta literatura que especula a criação de mundos imaginários é importante na formação de leitores. A obra em questão vem sendo reeditada e lida por novas gerações, tanto em sua língua original quanto em português, desde sua publicação, como veremos adiante. Acreditamos que se trata de um clássico literário que ainda cativa leitores jovens, trazendo-os para o universo da leitura.

Procuramos destacar, com este trabalho, aspectos formais da obra de Lewis, informações relevantes do contexto de sua escrita e salientar os motivos e as potencialidades pelos quais tais livros continuam sendo experienciados por leitores jovens, especialmente se incentivados pela mediação de leitura do professor.

1 A FICÇÃO NO COTIDIANO

Salvatore D’onofrio (1953), escritor e professor italiano, naturalizado brasileiro e docente em Teoria da Literatura, define a narrativa ficcional como “todo o discurso que nos apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída por uma pluralidade de personagens, cujos episódios de vida se entrelaçam num tempo e num espaço

determinados” (D’ONOFRIO, 2007, p. 46). O autor conclui a ideia de narrativa ao abranger o local de um evento, assim como o tempo, cita ainda o caráter universal da narrativa de Roland Barthes, afirmando que “Inumeráveis são as narrativas do mundo” (BARTHES, 109, p. 19-20 apud D’ONOFRIO, 2007, p. 46). A narrativa, em grande parte, está ligada ao campo das possibilidades e à imaginação de alguma coisa que não permanece individualizada na existência, mas no espírito do seu inventor. Podemos mencionar que mesmo o pensamento especificamente adaptado da literatura tem de ser assimilado igualmente às perspectivas criativas, porque escolhe informações da realidade prática para se ter sentido.

A ficção é uma técnica ou prática do mundo, nesse sentido, por mais afastada que a obra possa aparentar estar em relação à realidade empírica, como os contos de fadas ou a maneira fantástica da escrita literária, constantemente existirá uma ancoragem no real. Entende-se que ela nos concede uma vida melhor, que podemos ser o outro sem deixar de sermos o que somos e nos transportar no espaço e no tempo sem precisar sair do lugar em que estamos, nem mesmo da nossa hora, e vivermos as mais ousadas aventuras do corpo, da mente e das paixões, sem perdermos o juízo ou trairmos o coração. Teixeira (2011, p. 139-154) afirma ser um constante (re)elaborar de sentimentos, que, a partir do viés narrativo, revela sensações, imaginações e sentidos muitas vezes adormecidos pelos enunciadores, mas constituintes eficazes para uma reinvenção de valores e de concepções que problematizam a fluidez da leitura literária por meio de seus desdobramentos semióticos.

Textualizada em meio à narrativa, a ficção constitui um campo fértil de interpretações e sentidos na esfera da literatura. A estética dela sugere, por si só, um escopo plurissignificativo que extrapola a fronteira do explícito, significa dizer que os sentidos são suscitados com a perspectiva de leitura dos interlocutores, estabelecendo, assim, o campo fértil.

Muitos são os trabalhos que versam sobre a questão da leitura literária, dentre eles, ressaltamos aqueles que problematizam sua concepção a partir da prática de produção de sentidos, o que perpassa pela esfera do explícito e ressignifica o implícito. A leitura se constitui como uma propriedade que se fundamenta além dos fatores da alfabetização, sendo, sobretudo, apoiada no pilar semântico. Já no que concerne ao campo da literatura, ela se autoafirma como uma propriedade de recombinação de elementos alegóricos capaz de submergir a valores estéticos, semânticos e, também, sócio pragmáticos. Emília

Ferreiro (1936), pesquisadora em psicolinguística que revolucionou a alfabetização, e Margarita Gomes Palacio, psicóloga e doutora em psicopedagogia, pesquisam sobre problemas psicogenéticos e de aprendizagem, elas ratificam o argumento, afirmando que “não há maneira de desenvolver estratégias de leitura a não ser através da própria leitura” (FERREIRO; PALACIO, 1987, p. 17).

Eliana Yunes observa o quanto lemos sem perceber e o quanto perdemos ao não tornarmos a literatura como um ensaio para a vida. A autora, usando sua experiência como crítica, escritora, leitora e professora, defende o valor da leitura, tanto para uma existência prazerosa e crítica, quanto para o exercício da cidadania e a construção de uma sociedade mais igualitária. Ela mostra, em sua obra *A leitura e a Formação do Leitor*, que o gosto pela leitura só poderá existir se o ato de ler for ao encontro das verdadeiras motivações dos leitores e, em outras palavras, só se encontra apoio real na consciência do leitor quando se estabelece uma verdadeira comunicação, em que o leitor (aluno) percebe o discurso do outro (o texto) como valioso e necessário, quando nele vê ressonância de seu próprio sentir (YUNES, 1984, p. 13-35).

Todas essas ideias são ainda apresentadas por Michèle Petit (1946), antropóloga e pesquisadora francesa, que coordena um programa internacional sobre “a leitura em espaços de crise”, entendendo tanto casos de guerra ou migrações forçadas como contexto de rápida deterioração econômica e grande violência social. Justifica que os fatos extremos mencionados em *A Arte de Ler* podem sugerir novos questionamentos para a difusão da leitura e, por meio dela, a interioridade do ser humano é transformada, consentindo ao leitor, especialmente àquele que vive em ambientes de incerteza, que recupere um sentimento de continuidade. Complementa também que ler e apropriar-se dos livros é reencontrar o eco longínquo de uma voz amada na infância, o apoio de sua presença sensível para atravessar a noite, enfrentar a escuridão e a separação (PETIT, 2010, p. 65).

Dentro do âmbito literário, o ato de ler ganha status de porte artístico, partindo da premissa que se constitui como trabalho de polimento das palavras resultantes dos enunciadores, cuja sensibilidade é externada por sentimentos que vêm de uma postura mais subjetiva e introspectiva. Já o ato de construir uma ficção é, sem dúvida, uma manifestação artística, sabendo que tal manifestação advém de uma perspectiva de enunciação particularizada e carregada de ideologias.

O elo de saberes entre o texto ficcional e a arte de ler aparece durante toda a vida do sujeito e se processa formalmente na escola a partir da alfabetização, uma vez que a literatura é inserida como suporte na promoção da leitura. Dessa forma, é importante ressaltar que a partir da compreensão dos métodos que tornam um texto literário bom e eficaz é que observamos aquilo que incentiva o leitor literário a pensar a respeito de como e por que uma crônica, um conto, ou um romance foi escrito.

Partindo desse pressuposto, percebe-se que o texto ficcional e as diversas formas de leitura são imprescindíveis para a formação de leitores, porque cada atividade estabelecida por meio de estratégias, como roda de leitura com diálogo interativo, leitura digital no dispositivo móvel, entre outros, permite compreender e interpretar de forma autônoma os textos lidos, despertando no leitor o senso crítico, independente e reflexivo.

2 A OBRA DE C. S. LEWIS

Clive Staples Lewis (1898-1963) é central para a literatura contemporânea do gênero fantástico. Nasceu em Belfast, na província de Ulster, e é considerado um dos maiores pensadores, críticos literários e apologetas cristãos do século XX. Como acadêmico ilustre e leitor ávido, Lewis não fugiu à discussão e, contrapondo-se à ortodoxia de seus pares, propôs uma maneira diferente de analisar livros: a partir da experiência de quem lê, e não de quem escreveu. O resultado dessa “crítica à crítica” está nas páginas de *Um experimento em crítica literária*. Com a fluidez argumentativa que fez do autor de *As Crônicas de Nárnia* um comentador reverenciado pelos colegas de Academia, o autor sugere que a “boa leitura” envolve uma experiência intensa de relação com a obra e as propostas de quem a escreveu. É interessante ver o seu desenvolvimento como escritor e perceber como lidava com as coisas que aconteceram na sua vida. Ao analisar sua biografia, percebemos que muitos foram os eventos ocorridos que influenciaram e marcaram profundamente sua obra, como a temática do sofrimento, que era recorrente e vista em *Cristianismo puro e simples*, e em *Anatomia de uma dor*. Entendemos isso por causa das perdas sofridas por C. S. Lewis, como a morte de sua mãe, que o afastou de sua fé, desde a infância até o início de sua fase adulta. Nesse período, passou por diversas situações em que sua crença só diminuía, começou, então, a trabalhar como professor titular na Universidade de Oxford, quando conheceu seu grande amigo John Ronald Reuel Tolkien, conhecido como J.R.R. Tolkien (1892-1973), este passou a evangelizá-lo, até que ele se converteu ao cristianismo. Essa recordação está na sua

autobiografia intitulada *Surpreendido pela alegria* (1955), em que mostra a grande transformação de sua vida acontecendo de maneira simples. Em meio à guerra, Lewis recebe quatro crianças refugiadas, surgindo daí suas primeiras crônicas. Outras situações de sofrimento ocorreram, como a sua ida para a Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, a morte de sua amada esposa Joy Davidman.

Inúmeras pessoas conhecem C. S. Lewis apenas por sua celebrada obra *As Crônicas de Nárnia*. No entanto, foi um escritor produtivo e seus diversos livros têm muito a contribuir nas áreas de filosofia, apologética, cosmovisão, entre outras. Mas é no universo ficcional que percebemos a existência da sua história, na qual são encontrados os lucros e perdas da nossa vivência.

Um ponto importante a se frisar sobre o fantástico de Lewis é, em especial, a concepção teológica e sobrenatural a respeito da criação divina e do vínculo de Deus com o mundo, em que há uma inversão do próprio mundo e uma conexão para uma outra realidade que não seja descartada, porém desenvolvida, conferindo a ela perfeição de encanto e glória. O resultado desse procedimento se tornará cada vez mais significativo e fácil de observar no livro *A Cadeira de Prata*, da série *As Crônicas de Nárnia*, quando alguns dos personagens passaram a ser cativos da Dama do Vestido Verde, mais conhecida por Feiticeira Verde, uma Rainha do mundo inferior que planejava dominar Nárnia. É dessa necessidade de conquistá-la que a Feiticeira, através de suas magias, quer trazer aos personagens o sentimento de desprezo em relação à existência de um universo que permanece além dos subterrâneos; assim, ela defende que toda a vivência do mundo real e com Aslam, o Leão, que retrata Cristo na história, é apenas uma fantasia.

Acho que o leão de vocês vale tanto quanto o sol. Viram lâmpadas, e acabaram imaginando uma lâmpada maior e melhor, a que deram o nome de sol. Viram gatos, e agora querem um gato maior e melhor, chamado leão. É puro faz-de-conta, mas, francamente, já estão meio crescidos demais para isso. Já repararam que esse faz-de-conta é copiado do mundo real, do meu mundo, que é o único mundo? Já estão grandes demais para isso, jovens. Quanto ao meu príncipe, um homem feito, que vergonha! Brincando depois de grande! Venham. Esqueçam essas fantasias infantis. Tenho trabalho para vocês no mundo real. Não há Nárnia, não há Mundo de Cima, não há céu, nem Sol, nem Aslam. (LEWIS, 2009, p. 598)

Essa passagem apenas toca de leve a capacidade que a literatura fantástica de Lewis tem de mostrar uma visão de mundo imperfeito e fechado para si mesmo, além de exceder os limites que são apresentados pela prática cristã. No entanto, isso não gera uma nova divisão que evidenciaria a grandeza espiritual em detrimento da sensorial. Por ora, importa entender a maneira como Lewis estabelece um uso que se torna um exemplo para

diversos literários, sobretudo para os ficcionistas das próximas gerações que encontrarão um modo de desenvolver a compreensão e a reflexão do leitor.

Os fenômenos de uma literatura fantástica que ocorrem em *As Crônicas de Nárnia* também podem ser estudados em outras obras, como, por exemplo, *O Senhor dos Anéis* (1954). Entendemos que investigar o sobrenatural e o propósito subentendido nos detalhes e nas personagens das narrativas seria uma das melhores maneiras de fundamentar esses eventos.

Para Todorov, lendo retrospectivamente as palavras de Lewis, há uma relação entre esse olhar envolvente da realidade e sua pesquisa pessoal da literatura fantástica, pois ela “descreve em particular suas formas excessivas, assim como suas diferentes transformações ou, se acaso preferir, suas perversões”. O autor ainda afirma que “A literatura fantástica é como um terreno estreito, mas privilegiado, a partir do qual podem ser deduzidas hipóteses referentes à literatura em geral” e ainda relata que “Esse tipo de escritura põe precisamente em julgamento a existência de uma oposição irreduzível entre o real e o irreal” (TODOROV, 1975, p. 105-124). Todorov mostra que os personagens geralmente alternam entre uma elucidação racional para outra irracional na perspectiva do narrador e, para ele, esse é um item fundamental nas narrativas, bem como a incerteza do leitor entre o esclarecimento racional e transcendental no tocante aos fatos que evidenciam o caráter fantástico da literatura.

Lewis é um pensador cristão que compartilha alegrias e tristezas através da arte, consegue analisar o momento de forma coerente, fazendo uma leitura de mundo do século XX; além disso, ensina história sem fazer a história por meio da literatura, pois brinca com as palavras no mundo imaginário de *As Crônicas de Nárnia*, ou seja, um mundo antigo não dominado pelas máquinas. O autor esperava que suas crônicas estimulassem o reconhecimento e a exploração de livros, fábulas e atitudes do mundo antigo. Ele compreendia que esse vasto universo antigo incorpora uma sabedoria notavelmente coerente sobre a natureza da nossa própria humanidade. Certamente, mesmo cinquenta anos após a sua morte, ele segue influenciando milhares de pessoas ao redor do mundo através do seu legado literário.

Sobre a obra *As Crônicas de Nárnia*, este é o nome dado ao conjunto de sete romances de alta fantasia, narrados sobre o mundo imaginativo de Nárnia, que interage com as histórias do mundo paralelo; é a obra mais conhecida de C. S. Lewis e foi escrita entre 1950 e 1956. A história apresenta crianças inglesas sendo levadas a Nárnia,

tornando-se protagonistas de grandes aventuras e desventuras, como, por exemplo, o momento em que os quatro irmãos ficam estáticos ao entrarem no bosque desconhecido em *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-roupa*: “Já não podia haver a menor dúvida. Ficaram os quatro, imóveis, piscando na luz fria da manhã de inverno [...]” (LEWIS, 2009, p. 126), ao conhecerem seres fantásticos e animais falantes “O castor falou: – Vocês é que são os Filhos de Adão e as Filhas de Eva? [...] – E as árvores? – respondeu o castor. – Estão sempre escutando [...]” (LEWIS, 2009, p. 132), e ao estarem intimamente ligados ou regidos por um Leão, chamado Aslam: “– Aslam?! – exclamou o Sr. Castor. – Então não sabem? Aslam é o rei” (LEWIS, 2009, p. 137).

O clímax da narrativa me traz a sensação de que o autor não era seduzido por combates espaciais ou mecanismos tecnológicos que seguiam traços de autores como Júlio Verne e Herbert George Wells, que habitaram sua infância. Sua preocupação era construir um universo fantástico e ao mesmo tempo reconhecível, consideravelmente complexo, um espelho da nossa existência para nos fazer descobrir (junto com as personagens da história) certas virtudes. O interesse de Lewis é usar esse universo misterioso e que desaparece, com cenários exóticos e solitários, para expor o desenvolvimento sobrenatural do protagonista e levá-lo por meio de alegorias a contestar, a examinar e, finalmente, a aceitar a realidade de uma enorme ação psíquica em regência no mundo.

Cada livro tem suas peculiaridades, permitindo estabelecer as relações de sentido entre a comunicação dos seres humanos com os animais que falam, mostrando-nos seus vínculos e promovendo a compreensão de seus sentidos associados e interligados pela proximidade das falas e da estrutura com a qual se mantém. Nem todos os animais falam, porém, todos são de Nárnia, os que falam e os que não falam. Neles, a ação de falar e pensar mostra que podem estabelecer possibilidades, não como uma conduta completa do instinto, mas firmados em seus pensamentos a respeito do que estão vivendo e vendo em sua volta. Esses animais falantes colaboram a fim de que a fantasia aconteça na história, estimulando a imaginação do leitor.

“- E agora – disse o Sr. Castor, afastando a caneca de cerveja vazia e puxando a xícara para mais perto -, se não se importam de esperar um momento, até eu acender o cachimbo, vamos às coisas sérias. – E acrescentou, depois de olhar pela janela: - Está nevando outra vez. Melhor! Assim não teremos visitas. E se, por acaso, alguém estiver tentando segui-los, não vai encontrar rasto”. (LEWIS, 2009, p. 135)

A série é considerada um clássico da literatura, sua produção é voltada para a literatura de ficção, com temáticas sugestivas que envolvem o cristianismo, a mitologia, a simbologia e os contos de fadas, além dos aspectos morais, literários e algumas questões essenciais da vida, que propõem um perpassar da obra em textos críticos e explícitos de finalidades intertextuais.

A primeira publicação se deu com a dedicação de *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*, oferecida, carinhosamente, à sua afilhada Lucy Barfield por C. S. Lewis, que segue apresentando-a:

Minha querida Lucy, comecei a escrever esta história para você, sem lembrar-me de que as meninas crescem mais depressa do que os livros. Resultado: agora você está muito grande para ler contos de fadas; quando o livro estiver impresso e encadernado, mais crescida estará. Mas um dia virá em que muito mais velha, você voltará a ler histórias de fadas. Irá buscar este em alguma prateleira distante e sacudir-lhe o pó. Aí me dará sua opinião. É provável que, a essa altura, eu já esteja surdo demais para poder ouvi-la, ou velho demais para compreender o que você disser. Mas ainda serei o seu padrinho, muito amigo, C.S. Lewis. (LEWIS, 2009, p. 102)

O livro citado, tal como apresentado e como um dos ápices, foi a narrativa inicial a ser escrita e divulgada em 1950, dando continuidade aos livros *Príncipe Caspian* (1951), *A Viagem do Peregrino da Alvorada* (1952), *A Cadeira de Prata* (1953), *O cavalo e Seu Menino* (1954), *O Sobrinho do Mago* (1955) e *A Última Batalha* (1956).

Cada livro compõe-se de 15 a 17 capítulos, formando a sua narrativa. A editora britânica Harper Collins uniu todos os livros da série em uma obra de volume único, cujo título original em inglês é *The Complete Chronicles of Narnia*.

Foi organizado em ordem cronológica de acontecimentos, sendo apresentado da seguinte forma: *O Sobrinho do Mago*; *O Leão, A Feiticeira e O Guarda-Roupa*; *O Cavalo e Seu Menino*; *Príncipe Caspian*; *A Viagem do Peregrino da Alvorada*; *A Cadeira de Prata e A Última Batalha*. Dessa coletânea, *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa* foi a mais importante e a mais conhecida por trazer uma fascinante e dinâmica narrativa, na qual não só os contos de fadas, como também as mensagens cristãs são abordadas claramente, colocando os temas do sacrifício de Cristo para remissão e a sua ressurreição sob a figura do sacrifício de Aslam na Mesa de Pedra em troca da vida de Edmund. Tal afirmação fica explícita no seguinte trecho:

Quem venceu, afinal? Louco! Pensava com isso poder redimir a traição da criatura humana?! Vou matá-lo, no lugar do humano, como combinamos, para sossegar a Magia Profunda. Mas, quando estiver morto, poderei matá-lo também. Quem me

impedirá? Quem poderá arrancá-lo de minhas mãos? Compreenda que você me entregou Nárnia para sempre, que perdeu a própria vida sem ter salvo a vida da criatura humana. Consciente disso, desespere e morra. (LEWIS, 2009, p. 171)

A obra foi escrita para o público infantil, de acordo com o apontamento feito pelo próprio escritor, em que ele nos mostra esse grupo singelo mediante um texto registrado no final do livro intitulado por *Três maneiras de escrever para crianças*. Deixa respaldado o fato de que essa narrativa, sendo direcionada a esse público, deverá brotar absolutamente pela sistemática da personalidade do autor, compreendendo, assim, o princípio da narrativa.

Para Lewis, é necessário basear-se nos fundamentos da imaginação do autor, sendo bem semelhante ao da criança. Não seria se tornar idêntico a elas, uma vez que os adultos são, de fato, distintos por possuírem gostos dos quais as crianças não compartilham, mas seria valer-se do material comum que se encontra no pensamento do escritor, a fim de produzir a narrativa para eles. Partindo desse argumento, Lewis confirma no excerto a seguir a situação abordada:

Para escrever para crianças, temos de partir dos elementos de nossa imaginação que temos em comum com elas. Somos diferentes de nossos pequenos leitores, não por nos interessarmos menos, ou menos seriamente, pelas coisas de que estamos tratando, mas por termos outros interesses de que as crianças não compartilham. A matéria de nossa história deve fazer parte do mobiliário habitual de nossa mente. Foi essa, a meu ver, uma característica de todos os grandes escritores de literatura infantil, mas nem todos o compreendem. (LEWIS, 2009, p. 750-751)

Ele ainda realça e conclui enunciando que “A criança, como leitora, não deve ser tratada com condescendência nem idealizada: falamos com ela de homem para homem” (LEWIS, 2009, p. 751).

Com o propósito de alcançar esse ponto da história, Lewis elaborou uma trama que pudesse aproximar e conquistar a curiosidade de prováveis leitores, como as crianças, conforme sua respectiva declaração. Para essa sistemática, componentes foram expostos por meio de palavras, que poderiam ativar o interesse de quem se dispusesse a ler o seu livro, e suas possibilidades também foram bem-sucedidas. Muitos se guiaram pela leitura das narrativas que o escritor apresentou, incluindo os quatro filmes, que já existem a respeito das aventuras passadas no Império Narniano.

Lewis utiliza a intertextualidade na descrição da história através dos relatos e personagens bíblicos, seu enorme conhecimento a respeito do Cristianismo leva seus heróis e protagonistas a práticas determinadas por definições religiosas. Para ilustrar sua

obra, o autor foi motivado a expor fatos bíblicos em *O Sobrinho do Mago*, em que criou os termos Filho de Adão e Filha de Eva para chamar seus personagens humanos que visitam Nárnia: “Oh, Filhos de Adão, com que esperteza vocês se defendem daquilo que lhes pode fazer o bem! Mas eu lhe ofertarei a única dádiva que é capaz de receber” (LEWIS, 2009, p. 91), “Que a raça de Adão e Eva receba esse aviso. – Mas a gente é tão ruim como as pessoas de Charn? – Indagou Poly. – Ainda não, Filha de Eva. Ainda não” (LEWIS, 2009, p. 94). No mesmo livro, o autor expõe temas como o pecado: “Não será por muito tempo. Mas não posso dizer isso a este velho pecador, como também não posso consolá-lo”, e a tentação: “O vale era tão bonito, com as águas frescas, relvados e flores silvestres, que dava a tentação de ir vagarosamente” (LEWIS, 2009, p. 91 e p. 251).

No Novo Testamento, Jesus anuncia sua promessa: “Daquele momento em diante, Jesus passou a pregar e dizer: “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus!” (MATEUS 4:17)”, “Então Jesus declarou aos seus discípulos: “Se alguém deseja seguir-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e me acompanhe” (MATEUS 16:24)”, custando-lhe sua vida, o grande martírio que está relatado em Mateus 27. Lewis, então, ao escrever *O Sobrinho do Mago*, levanta dados que remetem a estes fatos, como a promessa de Aslam pela libertação de Nárnia:

Mas não se deixem abater. O mal virá desse mal, mas temos ainda uma longa jornada, e cuidarei para que o pior caia em cima de mim. Por enquanto, providenciemos para que, por muitas centenas de anos, seja esta uma terra de júbilo em um mundo jubiloso. E, como a raça de Adão trouxe a ferida, que a raça de Adão trabalhe para saná-la. (LEWIS, 2009, p.74)

Aslam cumpriu a promessa feita durante a criação de Nárnia, ao salvar Edmundo, em *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-roupa*, sendo sacrificado e logo depois ressuscitado “Não! Você está vivo! Oh, Aslam! – gritou Lúcia, e as duas meninas atiraram-se sobre ele com mil beijos” (LEWIS, 2009, p. 174). C. S. Lewis criou seu personagem principal, a figura do leão calmo, compassivo e justo, características do caráter de Cristo, que não mede esforços para ajudar aqueles que o buscam, fazendo uma correlação com o versículo bíblico que se encontra em Apocalipse 5:5, “Então, um dos anciãos consolou-me, afirmando: Não chores, pois o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu para abrir o livro e romper os sete selos”.

Embora a narrativa se passe antes de tudo em Nárnia, ela nos apresenta vários fatos, ações e perspectivas dos personagens provenientes de outros locais, como a

Calormânia, citada nesta passagem: “Depois veio aquele moreno barbudo, o mercador da Calormânia. Os calormanos não ligam muito para Aslam como nós, mas a maneira como o homem falou não deixa dúvida alguma” (LEWIS, 2009, p. 638); há, ainda, outras passagens que fazem referência a outros locais, como estas: “Não pode ser! – exclamou Pedro. – É a Inglaterra! E olhem só a casa... a velha casa do professor, lá no campo, onde começaram todas as nossas aventuras” (LEWIS, 2009, p. 736), e “Esta história nos conta algo que lhes aconteceu durante a guerra, quando tiveram de sair de Londres, por causa dos ataques aéreos” (LEWIS, 2009, p. 103).

Alister McGrath (1953), Teólogo, professor e pesquisador com interesse voltado para o pensamento cristão, procura levar os que buscam e os que duvidam a encontrar a fé através de suas obras. Ao escrever *A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*, revela-nos o verdadeiro sentido escondido em Nárnia. Para o autor, Lewis:

Tinha plena consciência do poder imaginativo dos “mitos” — histórias que tentaram entender quem somos, onde nos encontramos, o que deu errado e o que se pode fazer em relação a isso. Tolkien soube usar o mito para saturar O senhor dos anéis com uma misteriosa “alteridade”, um sentido de mistério e magia que sugere uma realidade além daquela que a razão humana pode sondar. Lewis percebeu que o bem, o mal, o perigo, a angústia e a alegria, tudo isso pode ser visto mais claramente se estiver “imerso numa história”. Essas narrativas, através do “realismo de sua apresentação”, nos proporcionam um jeito de captar as estruturas mais profundas de nosso mundo em dois níveis: o imaginativo e o racional. (MCGRATH, 2013, p. 232)

Segundo McGrath, a biografia crítica de C. S. Lewis “examina as provas de suposições e abordagens existentes, e as corrige quando necessário” (MCGRATH, 2013, p. 13); além disso, analisa correspondências do escritor para apresentar seu contexto pessoal, religioso, profissional e literário, e “[...] explora as conexões complexas e fascinantes entre o seu mundo exterior e o seu mundo interior [...]” (MCGRATH, 2013, p. 13).

Para o teólogo, Lewis deu origem à Nárnia através de sua imaginação e “se valeu muito de ‘elementos’ descobertos na literatura. Sua habilidade consistia não em inventar esses elementos, mas na maneira de entretecê-los para criar o marco literário que conhecemos como *As Crônicas de Nárnia*” (MCGRATH, 2013, p. 221).

Há diversas versões para a existência de Nárnia, uma delas é que, ao estudar seus mapas, Lewis visualiza uma antiga cidade italiana, cujo nome era Narni; mesmo não tendo visitado o local, gostou de seu som, e “Lúcia Brocadelli (1476-1544), uma visionária e mística que se tornou a santa padroeira da cidade”, era a habitante mais

conhecida, porém, segundo McGrath, nada disso teve importância para a criação de Nárnia, “o autor apenas gostou do som do nome latino” (MCGRATH, 2013, p. 223).

A Irlanda do Norte teve uma grande influência nas obras de Lewis, principalmente na criação de Nárnia, pois referia-se a ela como fonte de inspiração literária, imaginava ser bem pastoril, contendo colinas, lagos e florestas que levassem à imaginação. McGrath relata que Lewis não gostava da política irlandesa, mas isso não impediu que se encantasse pela província de Ulster, lugar bonito e com paisagens estimulantes para manter uma boa imaginação. Para Lewis, “se pudesse acabar com os ulsterianos, colocando apenas pessoas de sua escolha, não existiria local melhor para se viver” (LEWIS, 2017, p. 105 apud MCGRATH, 2013, p. 24). A partir desse argumento, percebe-se que “Nárnia pode ser vista como um Ulster utópico e idealizado, povoado por criaturas imaginadas por Lewis, em vez de Ulsterianos” (MCGRATH, 2013, p. 24). Sabe-se que ele nasceu em uma família protestante, mas foi ateu por um tempo, escolha que fazia sentido em uma sociedade que vivia um conflito religioso. No entanto, compreendemos que McGrath faz essa abordagem talvez por se referir a uma Irlanda do Norte livre do conflito entre Católicos e Protestantes, que perdurou até o Tratado de Paz de 1998.

Suas histórias fantásticas levam consigo peculiaridades fortes da condição humana, e ao envolver essas narrativas como parte do conhecimento, envolve também os maiores princípios de toda a percepção humana. Assim, percebemos que em *As Crônicas de Nárnia* há um entendimento claro de como os seres humanos se veem, como encaram suas limitações e como procuram tornarem-se os indivíduos que devem ser.

Ao analisar a porta que dá acesso a outro mundo, Lewis dá ao leitor a possibilidade de refletir sobre a própria vida e de buscar a imaginação por meio da magia, mesmo que seja como um bom sonho. Pensar no poder mágico do guarda-roupa, que levou os irmãos à Nárnia, a um mundo diferente, tanto no tempo quanto nas leis naturais, traz diversas expectativas e medo em relação às aventuras que poderão acontecer, como também sensações agradáveis. Flagramos um exemplo dessa análise em *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*, que descreve o momento preciso em que Lewis coloca Lúcia diante de uma diversidade de sentimentos:

Sentiu-se um pouco assustada, mas, ao mesmo tempo, excitada e cheia de curiosidade. Olhando para trás, lá no fundo, por entre os troncos sombrios das árvores, viu ainda a porta aberta do guarda-roupa e também distinguiu a sala vazia de onde havia saído. Naturalmente, deixara a porta aberta, porque bem sabia que é estúpidez uma pessoa fechar-se num guarda-roupa. Lá longe ainda parecia divisar a luz do dia.
– Se alguma coisa não correr bem, posso perfeitamente voltar.

E ela começou a avançar devagar sobre a neve, na direção da luz distante. (LEWIS, 2009, p. 105)

Essa qualidade de linguagem extraída da análise de C. S. Lewis reflete a formação de leitor como um modelo estratégico e passa pelos critérios que Yunes (1984, p. 14) propõe ao chegar à conclusão de que o incentivo à leitura não determina meramente as sociedades que contribuem para o progresso de seu mercado de bens. Da mesma forma, o Brasil intensifica seus esforços de linguagem com estratégias vinculadas à Base Nacional Comum Curricular - BNCC, como o conhecimento, a compreensão e a exploração do texto ficcional, além da análise das diferentes linguagens existentes (visuais, sonoras, verbais e corporais), sendo relevantes para o artigo porque possuem a função primordial de nortear as aprendizagens que os alunos devem desenvolver na escola.

Pensar em “comunidade leitora” é poder levantar formas de ensino que envolvam novas percepções e refletir acerca do sujeito em ação para ser representado de maneira atuante, considerando os modelos comuns de procedimentos educacionais, que focam a prática no cotidiano e compõem atividades de fala, leitura e produção de textos em sintonia com a realidade do aluno inserido.

Clive Staples Lewis, portanto, focaliza seu trabalho na literatura (mas não apenas) e seus exemplos vão desde a teologia à literatura contemporânea ficcional, considerando sua vasta popularidade alcançada por meio de educadores e da enorme variedade de suas obras, que trazem como indicativo a relevância do seu pensamento para o campo educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatiza-se, rumo a um desfecho, a finalidade do presente estudo que é de pensar, tendo um enorme suporte teórico a respeito do assunto sobre elementos constituídos por textos de ficção, bem como sua relevância para manter o ato da leitura contínuo na sala de aula. Elementos que se originaram com a narrativa oral e que permaneceu sendo propagada por meio da cultura ao longo da história. Cada um ao seu modo, os teóricos discorrem sobre o texto ficcional, a formação do leitor literário e a arte de ler. Vimos como o mundo da ficção é formado por cada um dos escritores selecionados para a pesquisa. Segundo D’Onofrio “A literatura de ficção supera a antítese do ser e do não ser, do real e do imaginário [...]” (D’ONOFRIO, 1995, p.20) e Emília Ferreiro contribuiu para

o passado recente da história do ensino da leitura e escrita no Brasil. Já Michèle Petit apresenta experiências desenvolvidas por mediadores de leitura em “espaços em crise”. Para complementar a estrutura de alguns dos autores tratados, C. S. Lewis não poderia deixar de ser citado, pois ao destacar o texto ficcional e a literatura fantástica mostra o seu encantamento pelos animais antropomórficos, uma admiração misturada com a sua imaginação fértil, que o fez construir um universo conhecido por Terra Animal, lugar onde aconteciam suas narrativas protagonizadas por animais falantes.

Dessa forma, ao discutir com o mundo do leitor, o fantástico o associa com o universo narrativo para formar os aspectos ali evidentes. O leitor, deste modo, parte da sua compreensão, horizonte de perspectivas e repertório para completar o “vago” que permanece nas histórias. Teme e se inquieta sempre que o misterioso aparece, porém a narrativa não fica à mercê de suas peculiaridades, pois serão as organizações do texto e a instrução da linguagem que o acompanhará ao parecer final.

Por isso, tratar esse assunto em sala de aula amplia a discussão sobre o fazer literário ou o caráter da ficcionalidade, além das principais reflexões orientadas em torno da literatura fantástica como *As Crônicas de Nárnia*, bem como sua função social e produções culturais. Outra situação importante, é pensar ou relacionar essas vozes literárias e a comunicação entre autor e leitor à literatura contemporânea, que se associa à tradição, mas que soa como novidade.

REFERÊNCIAS

Bíblia King James Atualizada (KJA). *Edição Corrigida e Revisada Fiel da Bíblia King James*. Tradução formal. Editora: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil; São Paulo, 2012. Copyright 1994.

CHARTIER, R. “Comunidades de leitores”. In: *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII*. Brasília: Editora da UNB, 1999.

D’ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.

D’ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.

FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gomez. *Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas*. Tradução de Luiza Maria Silveira. 3ª.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia*. Tradução Silêda Steuernagel e Paulo Mendes Campos. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MCGRATH, Alister. *A vida de C. S. Lewis* [livro eletrônico]: do ateísmo às terras de Nárnia; traduzido por Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2013

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2ª ed., 2010.

TEIXEIRA, Lúcia. *Leitura e Interpretação de Textos: Contribuições da teoria semiótica*. In.: RAMOS, D. V.; ANDRADE, K. S.; PINHO, M. J. de. (orgs). *Ensino de Língua e Literatura: Reflexões e perspectivas interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975

YUNES, Eliane. *A leitura e a Formação do Leitor: questões culturais e pedagógicas*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.